

**Tropa dividida: uma análise de discursividades acerca de rivalidade entre
Bolsonaro e Sérgio Moro construída pela Revista Veja na capa 2.653**

*Divided troop: an analysis of discourses about the rivalry between Bolsonaro and
Sérgio Moro constructed by Veja Magazine on cover 2.653*

Marluce Pereira da SILVA¹

Mayara de Oliveira SOUSA²

Zulmira Nóbrega Piva de CARVALHO³

Resumo

Neste artigo, propõe-se analisar discursividades produzidas na capa 2.653 (ano 52, nº 39) da Revista Veja. Com esse intuito, apontam-se recursos utilizados na composição da narrativa, de forma a destrinchar a construção midiática e simbólica acerca de questões políticas, presentes no contexto da notícia, sendo elas voltadas ao ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro e ao ex-ministro da justiça, Sérgio Moro. Como aporte teórico metodológico, utilizam-se noções da análise do discurso francesa (AD) e teorizações foucaultianas. Como resultado da pesquisa, entende-se que a Veja desempenhou um papel ativo na construção de discurso, evocando uma sensação de urgência e incerteza, em meio a um momento político fragmentado.

Palavras-chave: Jornalismo. Política brasileira. Análise do Discurso. Revista Veja.

Abstract

In this article, we propose to analyze speeches produced on cover 2,653 (year 52, nº 39) of Veja Magazine. Intuitively, we rely on resources used in the composition of the narrative, in order to unveil the media and symbolic construction of political issues, present in the context of the news, with them focused on the former president of Brazil, Jair Bolsonaro and the former president of Brazil, Minister of Justice, Sérgio Moro. As a theoretical and methodological support, we used the concepts of French Discourse Analysis and foucauldian theorizations. As a result of the research, it is understood that

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998). Professora do Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: marlucepereira@uol.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: mayara.sousa@academico.ufpb.br

³ Doutora em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (2010). Professora do Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: zulmiranobrega@uol.com.br

Veja played an active role in constructing discourse, evoking a sense of urgency and uncertainty, in the midst of a fragmented political moment.

Keywords: Journalism. Brazilian politics. Speech Analysis. Veja Magazine.

Introdução

Em meio às diversas mudanças na área da comunicação, em que a informação flui incessantemente por meio de vários canais, compreender discursividades que refletem o poder em ambientes midiáticos. Dispositivos analíticos oriundos da Análise de discurso de filiação francesa (AD) constituem neste ensejo, uma alternativa pela qual é possível examinar como as discursividades que moldam realidades, ao construir narrativas e persuadir a opinião pública, especialmente quando o assunto em pauta está relacionado a questões políticas, um importante quesito a ser considerado influência social por meio das mídias.

Neste aspecto, as capas de revistas, que também fazem parte do englobamento midiático, seja no ambiente físico seja no ambiente digital, têm um papel significativo na sociedade moderna, por meio dos veículos de comunicação, influenciando a percepção pública e a construção de identidades, uma vez que, do ponto de vista sociológico, Castells (2008) afirma que a identidade é construída, em um panorama que afeta a história e a memória coletiva:

A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (Castells, 2008, p.23).

A mídia, neste cenário, enquanto aparato de poder, também impacta discursivamente essas identidades. Assim, por meio de representações imagéticas, fotográficas, textuais e gráficas, as capas de revistas funcionam como mais um gênero discursivo para profícuo para análise em pesquisas sobre mídias e relações de poder. Com essa compreensão, busca-se, metodologicamente, a partir de concepções da Análise do Discurso francesa (AD), tais como, memória discursiva, interdiscurso, formação discursiva e formação ideológica, interpretar as discursividades que compõem a capa

2.653 (ano 52, nº 39) da Revista Veja, observando o que Foucault (1971) considera como o autor do discurso originando significações.

Pretende-se identificar formações discursivas dominantes no discurso, apreendendo efeitos de sentidos que são produzidos pela Revista levando em consideração o contexto sócio-histórico e político abordados pelo veículo. Os dispositivos analíticos subsidiarão a análise de representações que podem contribuir para a construção da identidade (individual e coletiva), levando em consideração a polissemia do termo explicada por Wasserman (2002) dessa forma:

A identidade constitui-se como um termo polissêmico; está relacionado tanto ao indivíduo num âmbito pessoal – cujos componentes são desvendados pela psicologia – e também às relações entre o indivíduo e a coletividade. As subjetividades individuais e coletivas são a matéria-prima das identidades (Wasserman, 2002, p. 93).

Assim, estudamos o assunto abordado pela notícia, que se passa meses antes das eleições para presidência da república em outubro de 2022: uma retratação de incerteza política vivenciada pelo ex-presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro e o primeiro ex-ministro da justiça do seu governo, Sérgio Moro, ambos em cenário anterior ao pleito, o que culminou em debates e discussões populares através das provocações midiáticas, no momento histórico em análise.

Logo, este trabalho busca entender como a Veja explorou o tema da possível rivalidade entre dois símbolos anticorrupção no País, produzindo sentidos reveladores de formações discursivas, abarcando o verbal e não-verbal, instituídas pela Revista, se de modo a atingir o público-alvo, no caso os eleitores desses dois políticos aptos a votarem no ano de 2022, e, de certa forma, refletindo também o posicionamento político da própria Revista, anterior a esses fatos, baseando-se ainda na formação ideológica que se estende a quem se sente representado pelos dois políticos anunciados pela Revista.

Revista Veja: um breve histórico

Entre as principais revistas contemporâneas do Brasil, a Veja tem uma história que abrange mais de cinco décadas, se caracterizando como parte midiática na formação da opinião pública do País, especialmente sobre a política. Fundada em 11 de setembro

de 1968, pelo empresário Roberto Civita⁴, do Grupo Abril, a Veja surgiu como um projeto de destaque: uma revista semanal que traria assuntos nacionais e mundiais em um contexto mais aprofundado. O projeto resultou, ao longo dos anos, em uma revista de distribuição servindo para estudos acadêmicos até a atualidade, principalmente pela característica intrínseca de abordagem ideológica sobre os assuntos.

Estudiosos apontam que a Veja, inicialmente, apoiou o regime militar, enquanto o veículo aponta que o regime o censurou⁵ e que, por muitos anos, proibiu a citação de determinados temas e personagens, resultando em fotos e textos vetados. A Veja destaca que a censura durou até 3 de junho de 1976. Para alguns pesquisadores de mídia no País, posicionamentos discursivos da Veja traduzem efeitos de sentido, desde sua primeira tiragem, que reverberam o que forma a conjuntura da opinião pública, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio da Biblioteca Átila Almeida, referenda essa premissa:

Mais do que um mero Editorial, a publicação da primeira edição de VEJA (estilizada assim, em caixa alta, dentro da revista) apresentou-se ao público como um sonho ambicioso: diminuir as fronteiras e contracenar na geopolítica da informação e da cultura (Biblioteca Átila Almeida, 2017).

Em 1997, a Revista passou a reproduzir as edições da semana no site *online*, o que antes só ocorria em cadernos impressos, e as notícias em tempo real também passaram a ser disponibilizadas, a partir dos anos 2000. Em setembro de 2017, o site da Veja teve uma das maiores marcas de visitas registradas, com 30 milhões de visitantes mensais, assim como em abril de 2018, mês da prisão do ex-presidente Lula, quando chegou a 30,2 milhões de visitas.

Neste cenário de crescente migração do público para o digital, por meio das mídias sociais *online* e a queda da comunicação impressa, atualmente a Veja tem uma circulação menor com o material físico. Em pesquisa do Poder 360⁶, no ano de 2021, a Revista, que

⁴ Roberto Civita foi um empresário que desempenhou diversos cargos no contexto da empresa de comunicação, entre eles: presidente do Conselho de Administração e diretor editorial do Grupo Abril, bem como editor da Revista Veja.

⁵ Informações podem ser acessadas em: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo>

⁶ Informações podem ser acessadas em: <https://www.poder360.com.br/economia/revistas-em-2021-impreso-cai-28-digital-retrai-21/>

chegou a ter alcances milionários de tiragens, por semana, teve a média de 92.850 cópias em papel, por edição, no mesmo ano do levantamento.

Já no ambiente digital, a concentração de público da Veja é alta. Em algumas das redes sociais mais utilizadas no País, os números de seguidores demonstram que o alcance das informações da Veja somente no *Facebook* é de mais de 6,7 milhões de pessoas, enquanto 2,3 milhões de seguidores estão no *Instagram* e 9,1 milhões no *Twitter*. Esses números são importantes para entender o alcance midiático do canal na atualidade, de forma que a Revista enfrentou diversas modificações ao longo dos anos e continua sendo uma das maiores referências midiáticas do meio jornalístico nacional.

Dividindo a tropa: discursividades sobre Bolsonaro e Sérgio Moro em rivalidade

Em sua edição de número 2.653 (ano 52, nº 39), a Revista Veja, do Grupo Abril, traz mais uma capa repleta de efeitos de sentidos. Desta vez, sob o título ‘Tropa Dividida’ e a utilização de design gráfico para a composição do discurso, envolvendo o assunto a ser discutido, a Veja une elementos para dialogar, neste caso, sobre um assunto acerca de questões políticas. O objeto, aqui estudado, está retratado na imagem em exposição na Figura 1:

Figura 1: Capa da Revista Veja com o título ‘Tropa Dividida’



Fonte: Revista Veja⁷, edição 2653, 25 de setembro de 2019.

A data da publicação, 25 de setembro de 2019, engloba toda a perspectiva da época de publicação e da situação em destaque, envolvendo o ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, e o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil, Sérgio Moro. A princípio, vale destacar que antes das eleições de 2018, o ex-juiz federal pelo estado do Paraná, junto ao até então candidato à presidência, Bolsonaro, tinham uma relação de proximidade devido aos seus posicionamentos políticos, o que foi culminado com a vitória de Bolsonaro ao cargo de presidente e sua adesão à figura de Moro como seu Ministro da Justiça, ocupação que permaneceu até abril de 2020, ou seja, sete meses após a data da publicação aqui discutida.

Assim, analisando o contexto discursivo da Capa, podemos notar duas figuras consagradas pelo discurso anticorrupção, em um país que vinha sendo metralhado com

⁷ Material disponível em: <https://images.app.goo.gl/N7p3nRGP5JtCmqRd6>

notícias sobre um sistema corrupto dia após dia, principalmente com os protestos que marcaram o ano de 2013. Em um momento de revolta por parte de diversos grupos políticos e seus seguidores, ascendia ali o movimento ‘O Gigante Acordou’, que veio a se tornar um dos maiores que o Brasil já teve.

Nesta perspectiva, em meio ao desenrolar deste cenário, entra em cena a construção de dois símbolos anticorrupção: Sérgio Moro, que usufruiu da Operação Lava Jato (2014), se tornando um herói para boa parte da população nacional, e Jair Bolsonaro, que apoiava a Operação em meio à defesa de ideias semelhantes às do ex-juiz, entre elas a forte oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao até então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ali se dava o nascimento de uma união que somava forças de diversos apoiadores pelo Brasil. Com esses discursos, Moro e Bolsonaro foram colocados midiaticamente como símbolos nacionais anticorrupção.

A prerrogativa da junção entre Moro e Bolsonaro ficou mais evidente quando ocorreu o momento no qual se pode dizer que a união dos dois foi selada: a vigência de seus cargos no início de um novo Governo Federal, a partir de 2019, ligando também seus apoiadores, apontando que essa relação já vinha sendo estabelecida antes mesmo da vitória de Bolsonaro, seja entre os dois, seja entre seus apoiadores.

Logo, a Revista Veja que, por vezes, trouxe as duas figuras como heróis em edições anteriores (fazendo parte do processo de construção midiático desses dois símbolos), traz nesta capa um discurso de rivalidade, ameaçando a união estabelecida entre os políticos e, conseqüentemente, aos seus apoiadores, em um momento em que se especulava sobre divergências entre ambas as partes, ao que tudo indicava, por interferências feitas por Bolsonaro na Polícia Federal. No entanto, só há, de fato, a quebra dessa união meses depois, quando Moro deixa o governo⁸ afirmando que tomou essa atitude⁹ para preservar o compromisso que assumiu com o presidente, à época, antes de aceitar o cargo, o de que os dois seriam “firmes contra a corrupção”.

Levando em consideração a importância da Memória Discursiva, tratada por Orlandi (1999) como sendo uma evocação do esquecimento como passado dentro do discurso, ou seja, trazendo à memória o que já foi dito mas esquecido, além do

⁸ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>

⁹ Informação disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/24/sergio-moro-pede-demissao-do-governo-bolsonaro-por-interferencia-politica-na-pf>

posicionamento da Revista ao longo dos últimos anos, quanto à temática política no cenário nacional, podemos chegar a um discurso provocado pela própria formação ideológica do veículo de comunicação analisado. Ou seja, a partir do posicionamento do meio midiático na conjuntura dada, determinando o que pode e deve ser dito.

Neste caso, a Veja, que tem um histórico de fazer bons apontamentos sobre Jair Bolsonaro, destacava, naquele ensejo, que era necessário as pessoas escolherem um lado para apoiar, antes mesmo da união dos dois se romper de fato. Isso mostra que a Revista produziu um discurso de rivalidade. Ali ela incitava que o público precisava decidir qual lado apoiar, efeitos de sentido que apontavam que os seguidores não entrariam em consenso.

Nesta perspectiva, pode-se chegar ao que Foucault (1971) considera como o autor sendo o princípio de agrupamento do discurso, originando suas significações e sendo o núcleo da coerência, como no caso apontado. Isso aconteceria de modo que, no caso desta publicação, a Veja incitava a escolha de um lado, em um contexto em que os dois sujeitos do discurso não haviam rompido a aliança. Tudo se passava em meio às especulações. A Veja, como autora do discurso, estava anunciando um desfecho e significando a situação antes mesmo que ela ocorresse.

Logo, a Revista produziu efeitos de sentidos de que ambos tinham forças suficientes e posicionamentos equivalentes, para serem rivais daquele ponto até as eleições presidenciais que ocorreriam em 2022. As discordâncias indicavam um rompimento de duas grandes referências (anticorrupção) no Brasil. E, de fato, em 2022 Moro chegou a cogitar lançar sua candidatura à presidência, mas depois optou pela escolha de se lançar ao senado¹⁰ pelo estado paranaense.

Assim sendo, é possível entender que a capa trata da rivalidade entre os dois políticos e as consequências disso em grupos de apoiadores dos dois lados, rompendo a união em dois eixos: o pessoal e, principalmente, o eleitoral. Isso se dá antes mesmo de ler o texto da publicação que também compõe a capa. Se somente fosse analisada a arte em questão já teria-se um grande respaldo dos signos que a estruturam, em uma análise de linguagem não verbal, o que Orlandi (1995) também define como característica importante para a interpretação discursiva:

¹⁰ Informação disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/03/31/sergio-moro-assina-filiacao-ao-uniao-brasil-em-evento-em-sp.ghtml>

A própria concepção da mídia fica assim afetada pelo efeito de continuidade homogênea do não-verbal ao verbal. A complexidade do conjunto de signos de distintas naturezas se reduz a um processo de interpretação uniforme. Tudo se interpreta do mesmo jeito. É o efeito literal se reproduzindo em cadeia contínua em todas as linguagens (Orlandi, 1995, p. 41-42).

A cor preta, ao fundo da capa, por exemplo, já define essa ideia de carga pesada, remetendo a um lado sombrio e escuro da situação, compactuando com a descrição de rivalidade sendo enfatizada pela publicação. Do mesmo modo, o capacete que traz os semblantes e a parte superior dos dois sujeitos vestidos de terno e gravata, em sentido de formalidade. Os dois como figuras governantes. Desse modo, não há como dizer que a Revista diminui a imagem de um dos dois. Eles são colocados sob o mesmo peso imagético.

Além disso, é possível observar especificamente como os semblantes escolhidos para ilustrar Moro e Bolsonaro ressaltam a imponência de ambos os lados, com seriedade e postura, complementando uma ideia de superioridade. São dois símbolos fortalecidos dentro de uma tratativa, nas mesmas posições, que os instuam como sujeitos atravessados por formação discursiva que os colocam numa posição simétrica. Quanto a esta conjuntura de compreensão por meio de imagens, Bohnsack (2016) explica que, em se tratando desse processo, é preciso levar em consideração conhecimentos implícitos ou atóricos transmitidos pelos canais.

A compreensão da imagem é realizada por meio do conhecimento implícito ou atórico, como denominado por Karl Mannheim (1982; cf. Weller et al, 2002). Esses conhecimentos implícitos ou atóricos estruturam, sobretudo, as ações habituais ou rotineiras. Esse conhecimento é transmitido, por um lado, através de narrações e descrições, ou seja, de forma metafórica e por intermédio de metáforas que representam graficamente as cenas sociais (Bohnsack, 2016, p. 290).

Logo, dando continuidade a este desenvolvimento de compreensão, frisamos a imagem dos soldados escolhidos para ilustrar a Capa nesta peça analisada, como representação aos seguidores alinhados à política em discussão, e não outro tipo de alusão, o que traz ainda um posicionamento ideológico que os inscreve numa posição mais direitista da situação. Por este aspecto, analisa-se o uso da palavra “exércitos” como uma

indicação de representatividade aos eleitores desses políticos, já que tendem a apoiar movimentos militares.

Assim, partimos do ponto de que, por exemplo, se fossem duas figuras da esquerda em rivalidade, o termo “exércitos” e a imagem dos soldados ilustrados seriam facilmente substituídos por outras personificações, como representações indígenas, da comunidade LGBTQIAPN+, negros, membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), bem como de outras associações de signos atrelados dentro da perspectiva da conjuntura socio-histórica desta política no País.

Nesta conjuntura, estrutura-se a exterioridade pontuada por Foucault (1996), refinando o discurso às novas possibilidades de acontecimentos, em que é discutida a questão que sustenta esta regra de análise como sendo a de não ultrapassar o discurso em núcleo interior, e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele. Assim, para o Foucault, é preciso iniciar a análise a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, para então: “passar às suas condições externas de possibilidade, aquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras” (Foucault, 1996, p. 53).

Pontuado isso, podemos chegar, por fim, ao texto inserido na capa, em sua totalidade, no qual há três pontos importantes a serem considerados. O primeiro deles é o uso do mecanismo linguístico “divergências”, produzindo efeitos de sentidos de que os dois já não entravam em consenso quanto a algumas questões do governo. Essas discursividades, neste contexto, compõem entrevistas concedidas pelos dois políticos, nas quais os sujeitos retratados já faziam apontamentos negativos e críticas um sobre o outro.

O segundo ponto surge na expressão linguística “o medo de traição”, apontando sentidos que sugerem uma oposição à ideia de aliança entre os dois. Um esclarecimento que firma este argumento é o fato de que, na época, Moro tinha total liberdade, acordada com Bolsonaro, para indicar nomes e intervir na Polícia Federal (PF), mas Bolsonaro não reafirma o lugar do seu ministro da justiça quando rebaixa o poder ministerial dele publicamente e se sobrepõe ao acordo, mudando a direção da PF sem alinhamento com Moro. Na época, a Revista se utiliza de mecanismos linguísticos que sugerem sentidos de que uma possível traição política poderia surgir, diante dessas desavenças.

Logo, a “eleição de 2022” entra, por fim, como o terceiro ponto, referente ao provável lançamento de Moro ao cargo de presidente da república em 2022, uma vez que a crise com Bolsonaro já havia iniciado. A Revista se utiliza mais uma vez de formação

discursiva que aponta para a rivalidade entre Moro e Bolsonaro, no contexto daquela eleição presidencial, uma vez que a união dos dois estaria abalada. A ênfase principal da publicação, nesta perspectiva, para além da briga entre eles, está no peso que a Revista dá aos seus apoiadores.

Esse quesito reforça sentidos de que ambos têm potencial para concorrer, a julgar pela força de seus seguidores, relacionada à ideia de “exércitos”, colocada pela publicação, abarcando força e poder. A *Veja* aponta que a rivalidade desencadeada por Moro e Bolsonaro gera rivalidade entre os apoiadores, sendo que esse é um posicionamento da própria Revista, uma vez que o Grupo apoiou a candidatura de Bolsonaro, assim como Moro na Operação Lava Jato.

A Revista, desse modo, se posiciona enquanto fonte do que é dito. Assim, é importante destacar, nesta perspectiva, que o texto é uma unidade significativa para a Análise do Discurso, atribuindo a temática da textualidade para a formação discursiva. Conforme Orlandi (2006), para ter significado, a palavra precisa ser textualizada dentro do texto, visto que:

Não são as palavras que significam, mas o texto. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. A palavra que significa é uma palavra textualizada (Orlandi, 2006, p. 22).

Desse modo, considera-se, analiticamente, que a Revista *Veja* produziu discursividades que colocavam em cheque uma desavença no antigo governo, com efeitos de sentido que indicam que os seguidores dos dois políticos envolvidos deveriam escolher um lado, tendo em vista que a união de Bolsonaro e Moro estava para se romper. Apreende-se interdiscursos que traduzem prévias de traição, antevendo que o ex-ministro se tornaria um forte oponente a Bolsonaro nas eleições de 2022, enunciando que os apoiadores escolheriam um lado a partir daquele momento.

Considerações finais

A análise da capa de 25 de setembro de 2019 da Revista *Veja*, realizada por meio desta pesquisa, buscou interpretações sobre a discursividade apresentada pela Revista no contexto político do ano referenciado, estudando a linguagem verbal e não-verbal e o posicionamento ideológico do canal e dos políticos retratados no cenário informativo.

Através desta análise, buscou-se interpretar discursos construídos através de sentidos que perpassam a formação discursiva formulada pela edição.

Ao longo desta pesquisa, exploramos como as linguagens visual e verbal se entrelaçam para criar uma narrativa e moldar as percepções dos leitores, o que impacta na construção da identidade coletiva. Assim, a análise mostrou que na Capa foram usados elementos visuais e textuais pensados para específica. Assim, sob o título 'Tropa Dividida', a Veja direciona a atenção do leitor para o tema central da publicação: a conturbada relação entre Jair Bolsonaro, naquele momento presidente da república, e o seu ex-ministro da justiça Sérgio Moro.

A composição gráfica, com as cores e desenhos escolhidos, além do texto presente na capa, retratam duas figuras políticas em uma pose confrontadora, contribuindo para a atmosfera de conflito que permeava a situação entre os dois sujeitos, colocados em uma construção imagética de equidade no tema apresentado. Com isso, entende-se que a Veja, enquanto mídia, desempenhou um papel ativo na construção de discurso, no qual as escolhas linguísticas utilizadas pelo canal evocam uma sensação de urgência e incerteza, em meio a um momento político fragmentado.

Nesse contexto, a análise mostra que a Veja tem uma narrativa com efeitos de sentido que moldam as percepções dos leitores, influenciando o público e construindo características ligadas aos sujeitos retratados. Neste trabalho, a Análise do Discurso, na perspectiva de produzir efeitos de sentido, reforça a responsabilidade que a mídia tem para com a sociedade, ainda que esta análise se concentre especificamente em uma Capa, também sujeita a outras interpretações devido à subjetividade atrelada à interpretação do que é dito. Logo, este trabalho apresenta o contexto da situação sob uma ótica que apreende efeito de sentido em uma conjuntura específica.

Futuras pesquisas, neste entendimento, podem se ater a confrontar essa Capa com discursos produzidos pelo mesmo canal em momentos anteriores ou posteriores ao contexto sócio-histórico aqui analisado, contrastando com diferentes edições da Revista, identificando, sobretudo, mudanças nas representações políticas e formação discursiva referente aos sujeitos em retratação.

Por fim, é relevante frisar que esta pesquisa destaca a necessidade contínua de uma abordagem crítica à mídia, abordando suas discursividades, entendendo e levando em consideração ambientes midiáticos em constante mudança. Afinal, interpretar o que pauta a imprensa, e seus argumentos acerca dos assuntos tratados, é uma forma de

entender que discursos estão moldando a sociedade em cenários que impactam diretamente nos aspectos governamentais em cenário nacional e/ou mundial.

Referências

BOHNSACK, RALF. A interpretação de imagens e o Método Documentário. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 286-311, 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz e Terra. São Paulo - SP. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola. São Paulo - SP. 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, v. 1, n. 1, p. 35-47, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914/6517>. Acesso em: 23 de setembro de 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade** / Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (Orgs.). Pontes Editores. Campinas, SP. 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida**, online, 2017. Obra do mês de Setembro: Primeira Edição da Revista VEJA. Disponível em: <https://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/2017/09/04/primeira-edicao-da-revista-veja/>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

WASSERMAN, Claudia. Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 23, n. 1, p. 93-100, 2002.

WELLER, Wivian et al. **Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo**. *Sociedade e Estado*, v. XVII, n. 02, p. 375-396, jul./dez. 2002.